

O

ERRO'

A

RUA



2010年12月16日，雪后的上海董家渡。董家渡等南市老城厢，是上海城市的发祥之地，这里计划改造后将与南北外滩连成一片，成为集金融、贸易、办公、商业为一体的繁华地区。





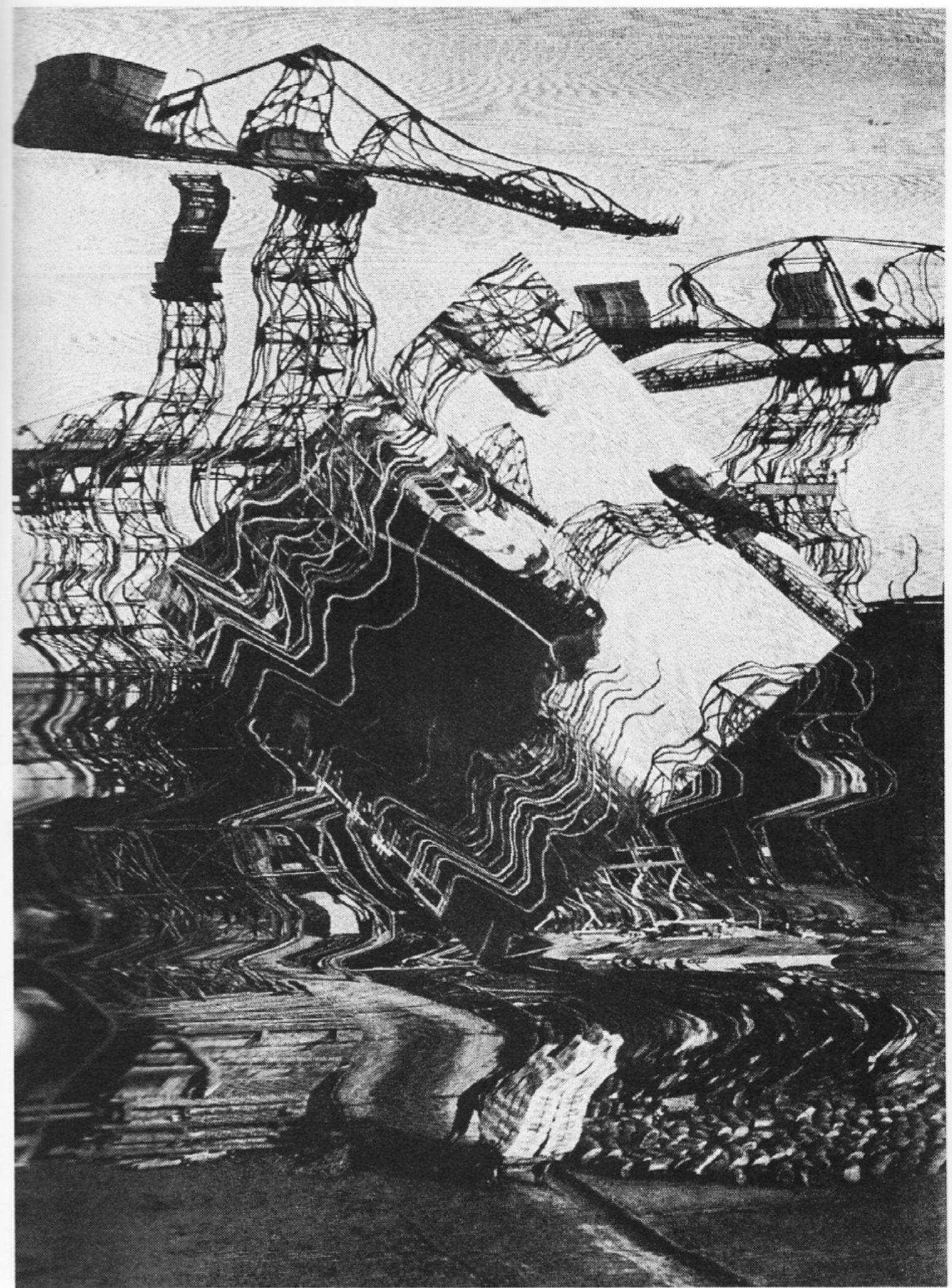
de maneira que são muito mais consistentes com uma imagem de socialismo descentralizado ou de um socialismo anarquista do que de um planejamento e controle centralizados e estritos. As inovações já existem lá fora. O problema é como reuni-las de maneira a construir uma alternativa viável ao neoliberalismo de mercado.

A criação de novos espaços urbanos comuns [*commons*], de uma esfera pública de participação democrática, exige desfazer a enorme onda privatizante que tem servido de mantra ao neoliberalismo destrutivo dos últimos anos. Temos de imaginar uma cidade mais inclusiva, mesmo se continuamente fracionada, baseada não apenas em uma ordenação diferente de direitos, mas em práticas político-econômicas. Direitos individualizados, tais como ser tratado com a dignidade devida a todo ser humano e as liberdades de expressão, são por demais preciosos para serem postos de lado, mas a estes devemos adicionar o direito de todos a adequadas chances de vida, direito ao suporte material elementar, à inclusão e à diferença. A tarefa, como sugeriu Polanyi, é expandir as esferas da liberdade e dos direitos além do confinamento estreito ao qual o neoliberalismo o reduz. O direito à cidade, como comecei a dizer, não é apenas um direito condicional de acesso àquilo que já existe, mas sim um direito ativo de fazer a cidade diferente, de formá-la mais de acordo com nossas necessidades coletivas (por assim dizer), definir uma maneira alternativa de simplesmente ser humano. Se nosso mundo urbano foi imaginado e feito, então ele pode ser reimaginado e refeito.

Mas é aqui que a concepção do direito à cidade toma novo viés. Foi nas ruas que os tchecos se libertaram em 1989 de opressivas formas de governança; foi na Praça da Paz Celestial que o movimento estudantil chinês buscou estabelecer uma definição alternativa de direitos; foi através de massivos comícios que a Guerra do Vietnã foi forçada a terminar; foi nas ruas que milhões protestaram contra o prospecto de uma intervenção imperialista norte-americana no Iraque em 15 de fevereiro de 2003; foi nas ruas de Seattle, Gênova, Melbourne, Quebec e Bangkok que os direitos inalienáveis à propriedade privada e da taxa de lucro foram desafiados. Se, afirma Mitchell,

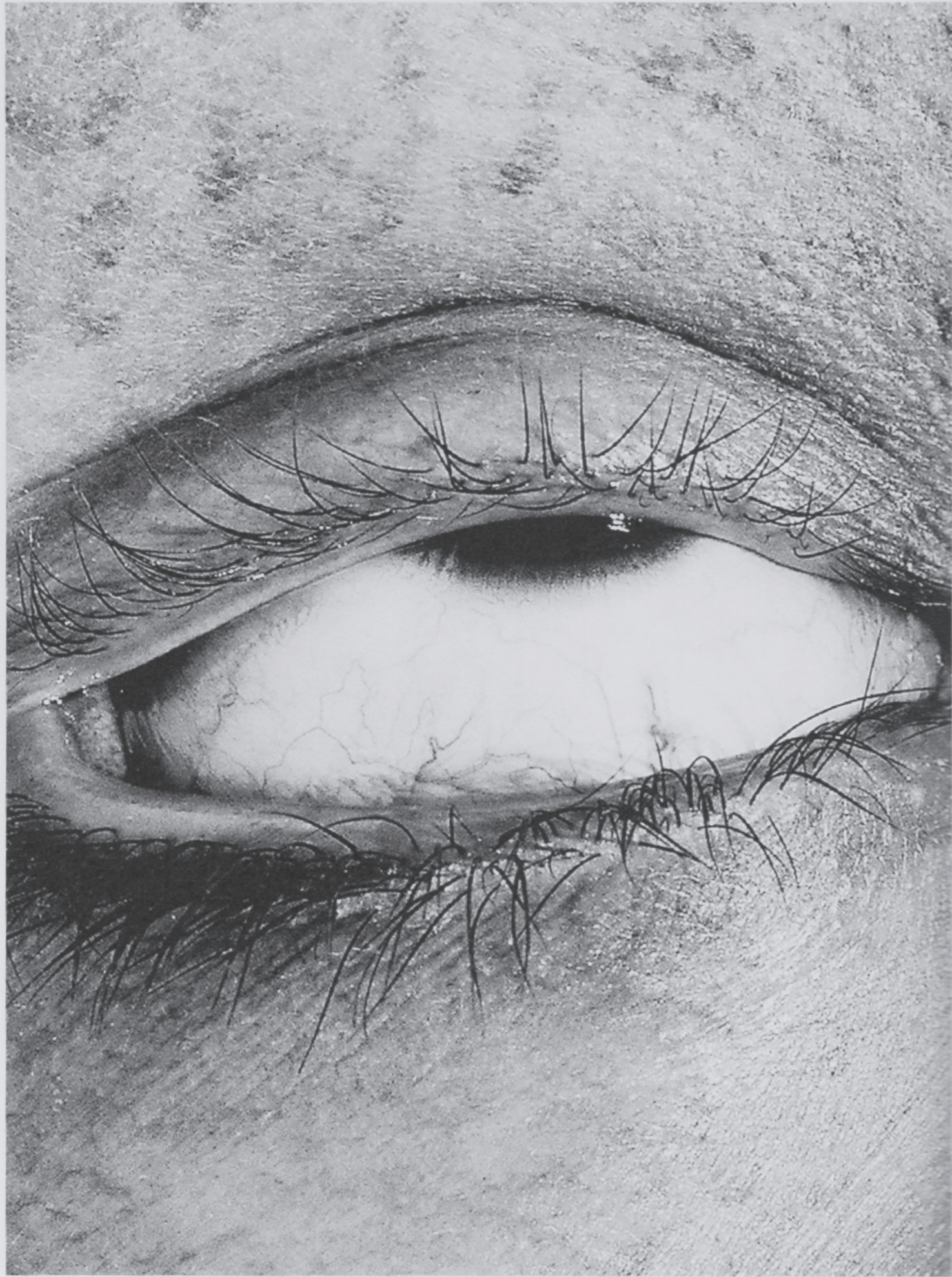
[...] o direito à cidade é um grito, uma demanda, então é um grito que é ouvido e uma demanda que tem força apenas na medida em que existe um espaço a partir do qual e dentro do qual esse grito e essa demanda são visíveis. No espaço público – nas esquinas ou nos parques, nas ruas durante as revoltas e comícios – as organizações políticas podem representar a si mesmas para uma população maior e, através dessa representação, imprimir



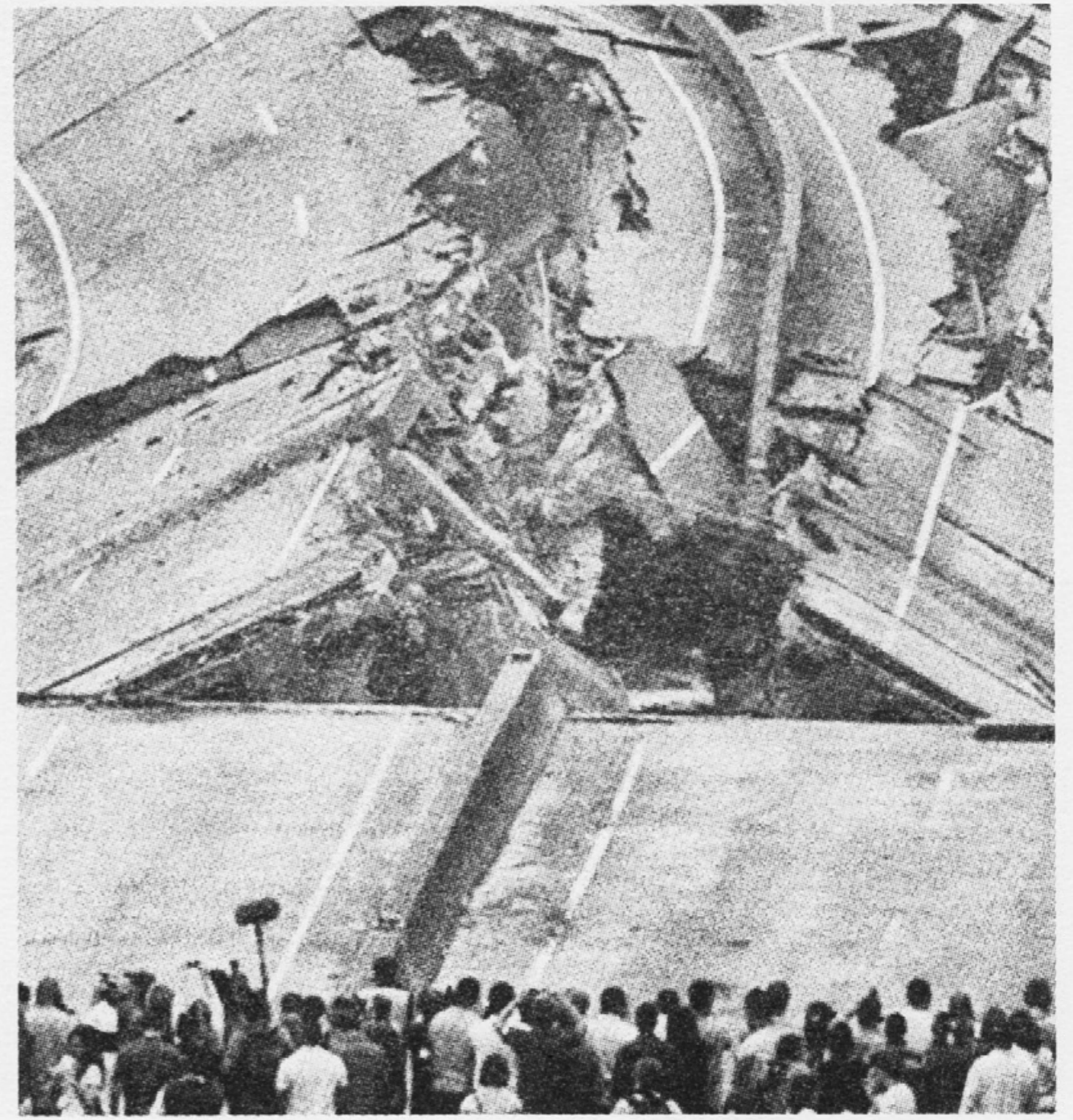












es e bairros
etórias do
Luta pela
mbora mui-
idos pelas
mérica, são
mais im-
as tribos,
essoras,
um lugar
Tra-
inda não

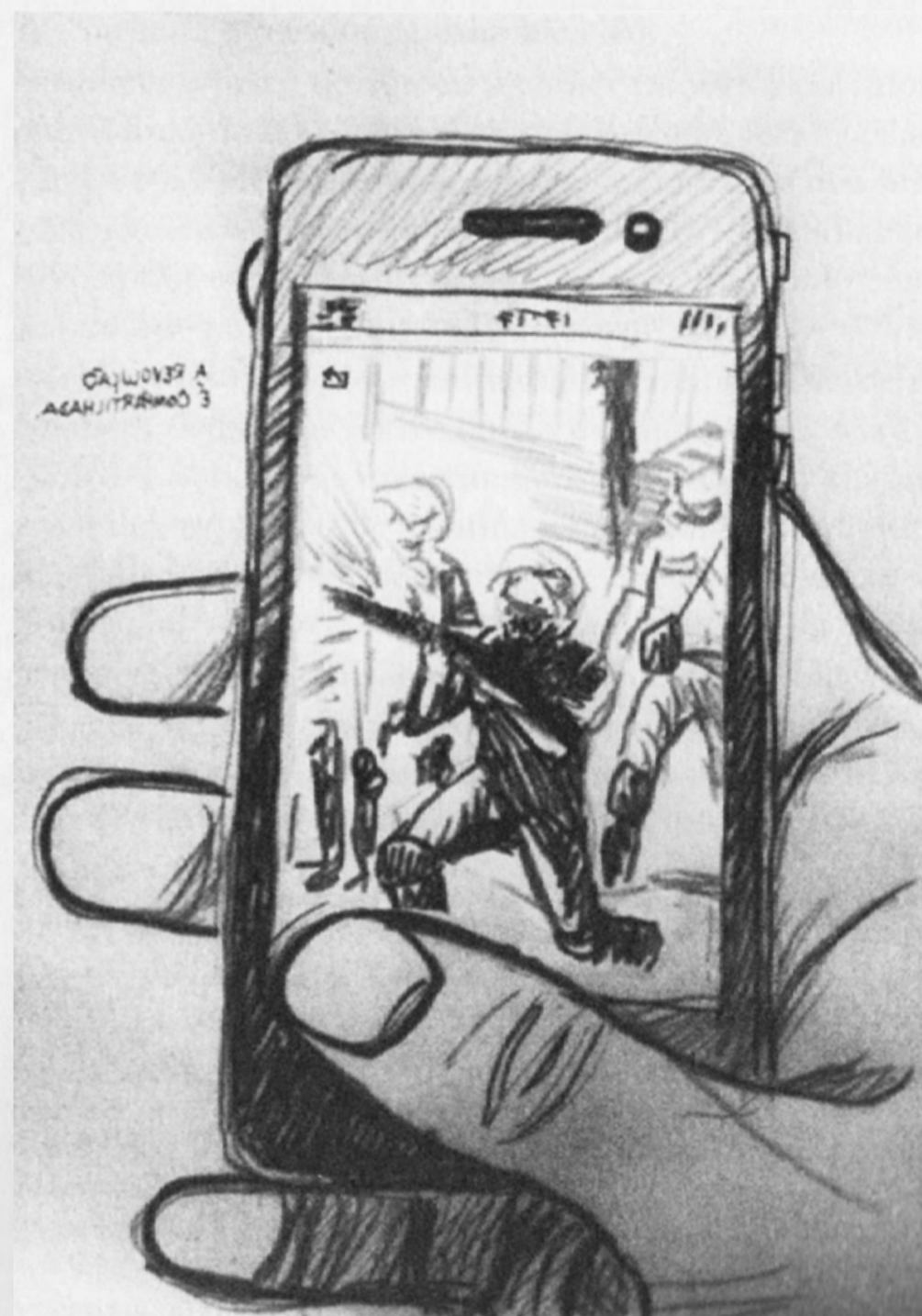


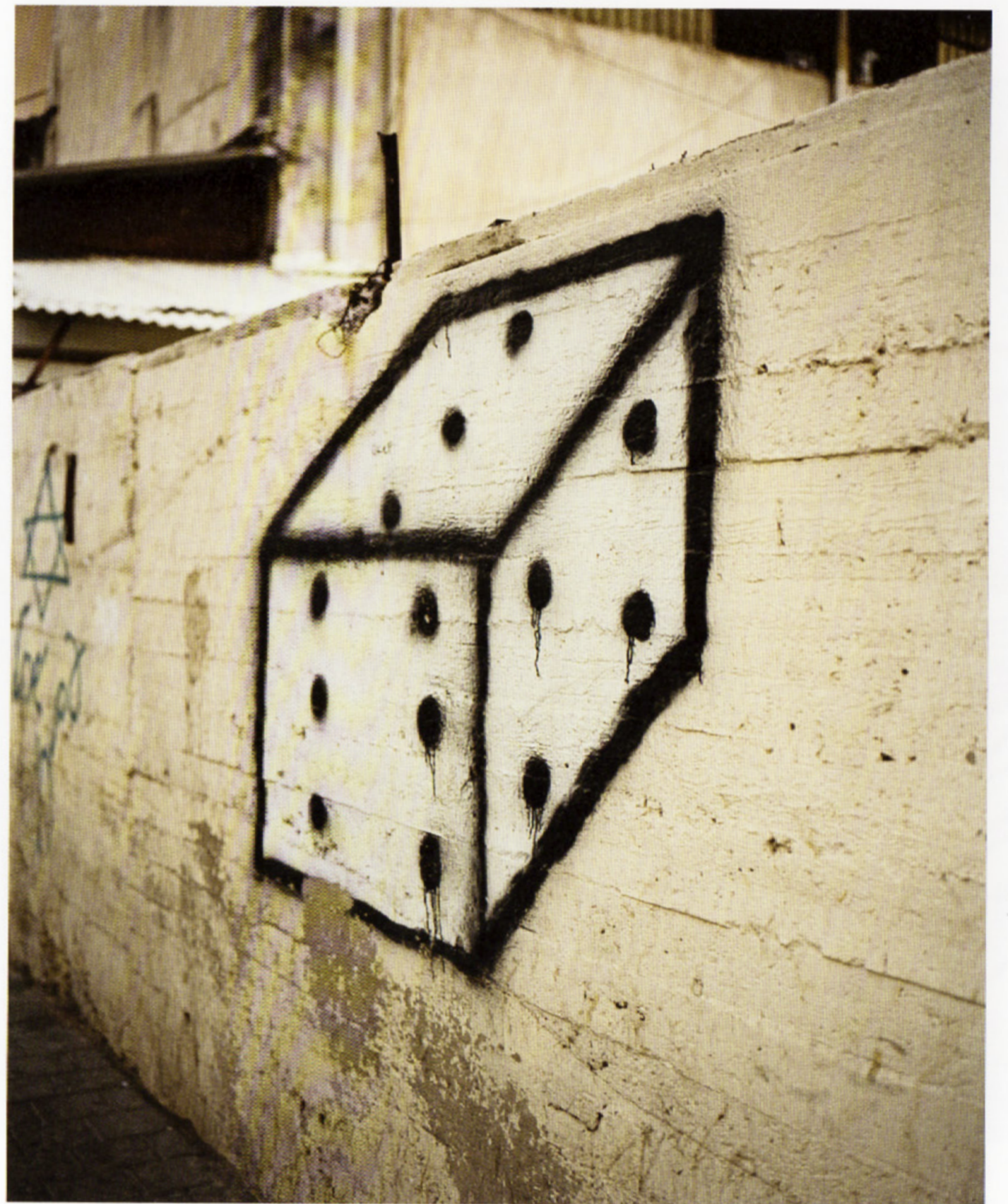
A rebelião, a cidade e a consciência





Concluindo: para fazer frente a esse quadro, aqui apenas resumido, temos no Brasil leis, planos, conhecimento técnico, experiência, propostas maduras e testadas nas áreas de transporte, saneamento, drenagem, resíduos sólidos, habitação... Mas, além disso tudo, o primeiro item necessário à política urbana hoje é a reforma política, em especial o financiamento de campanhas eleitorais. Então que viva a moçada que ganhou as ruas. Se fizermos um bom trabalho pedagógico, teremos uma nova geração com uma nova energia para lutar contra a barbárie.









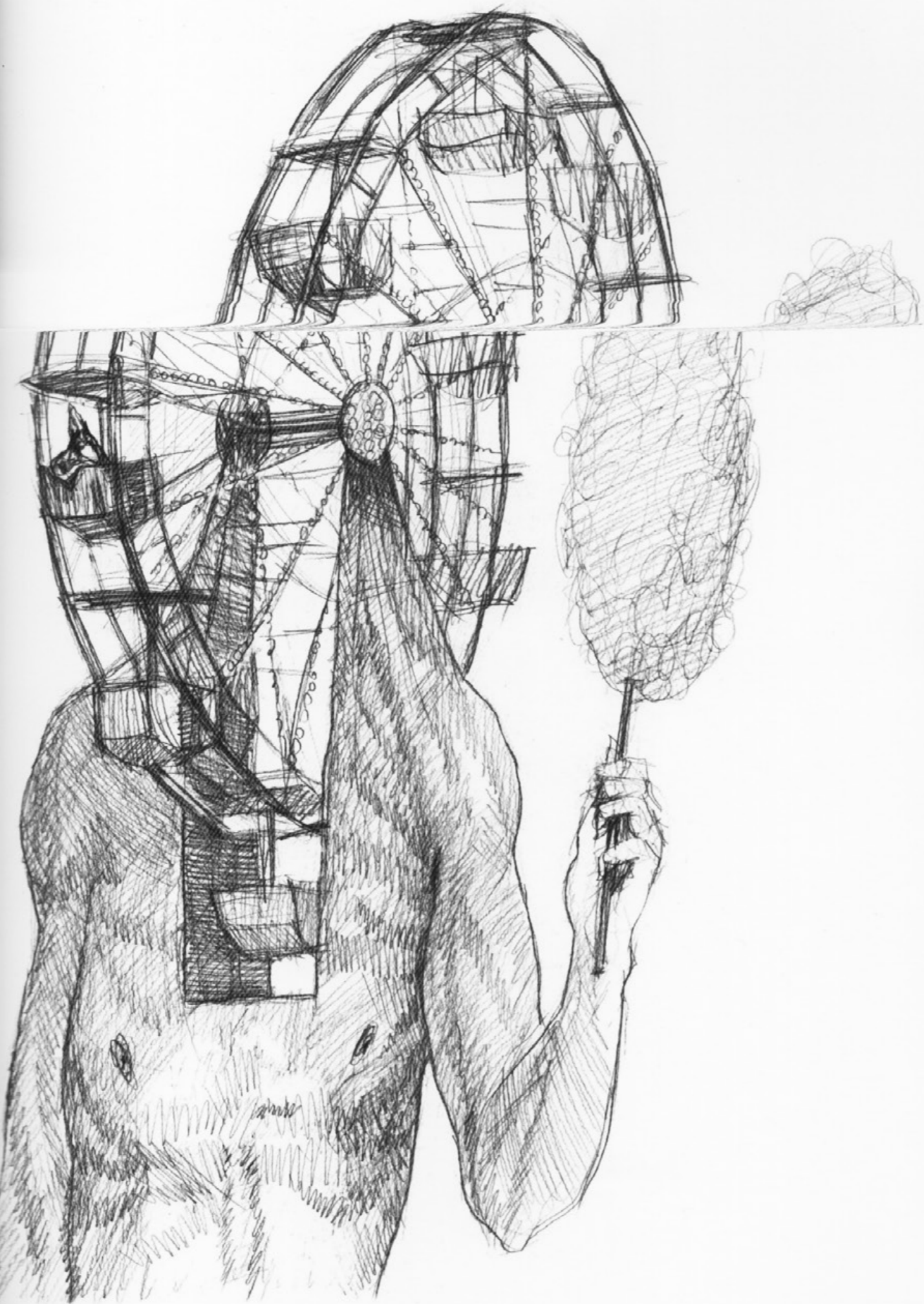


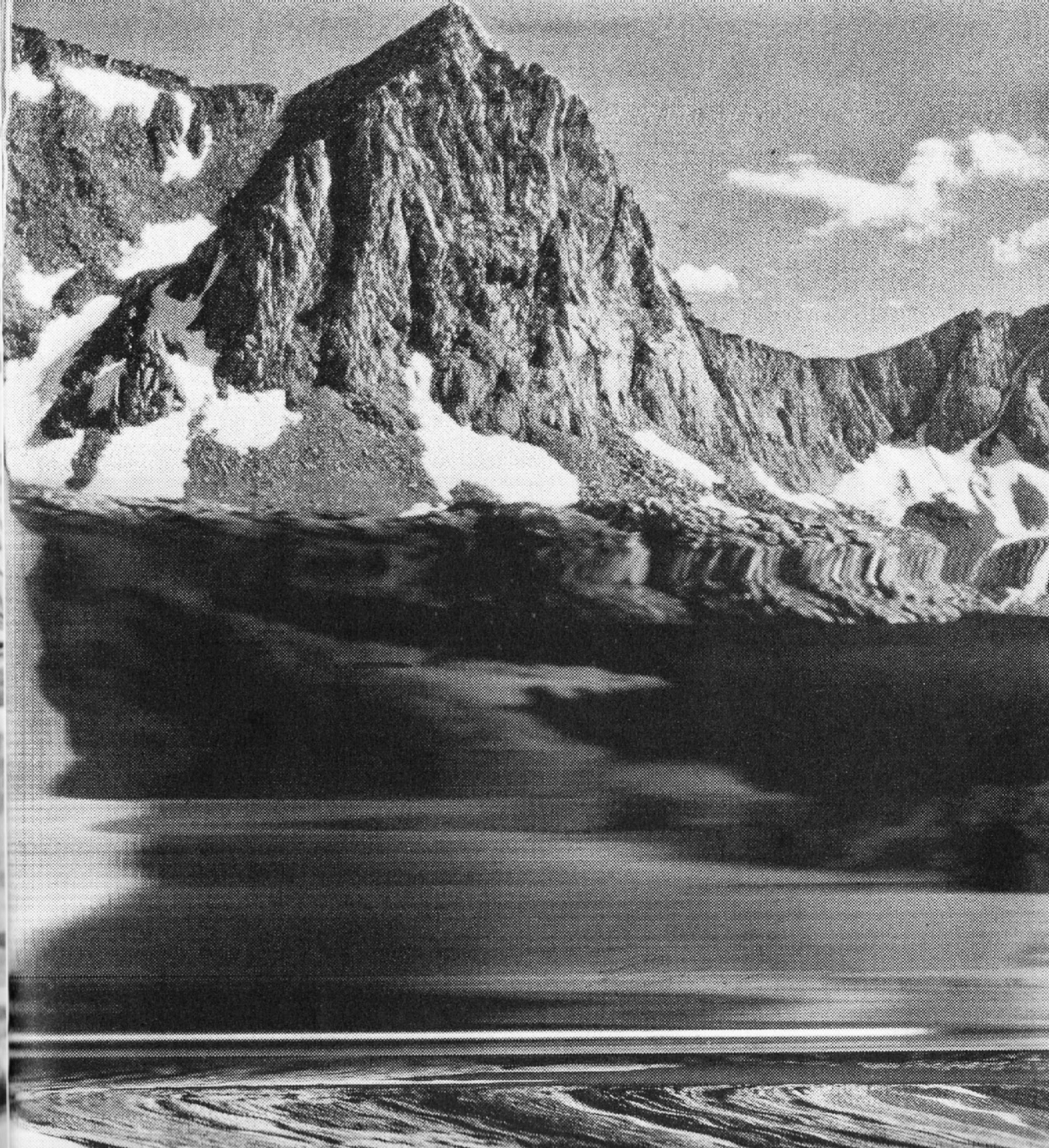
— NINGUÉM SABIA REAL-
MENTE O QUE IA ACONTE-
CER, PARA ONDE A GENTE
IA. SÓ OUVÍAMOS BOA-
TOS. DE REPENTE, ESTÁ-
VAMOS TODOS DIANTE DA
DEMOLIÇÃO DO VIADUTO.













Ninguém sonha com o dia de hoje. Entre o passado e o futuro os contemporâneos vagam perplexos. Diante do fascínio do progresso e das nostalgias do passado, a humanidade não consegue perceber sua direção no presente. O cotidiano indevidamente questionado e dimensionado é o grande fardo que alguns poucos seres humanos, isoladamente, conseguem carregar, mas não quando em conjunto. Aqui, nações diferem de criaturas.

O futuro do passado é uma posição relativamente fácil, projeção estática, natural e retilínea, com a atualidade escamoteada. Retrospectos e prospectos são análogos não apenas filologicamente mas geometricamente, pois situam-se num espaço amplo, com perspectiva.

Já o presente é uma intrincada e dinâmica sucessão de momentos. Situar-se devidamente nessa cachoeira de eventos de modo a impedir a descontinuação do futuro, esta a magnífica e difícil empreitada de uma nação. Alçar o presente ao nível da História é discernir o que vai acontecer com a experiência do que já aconteceu.

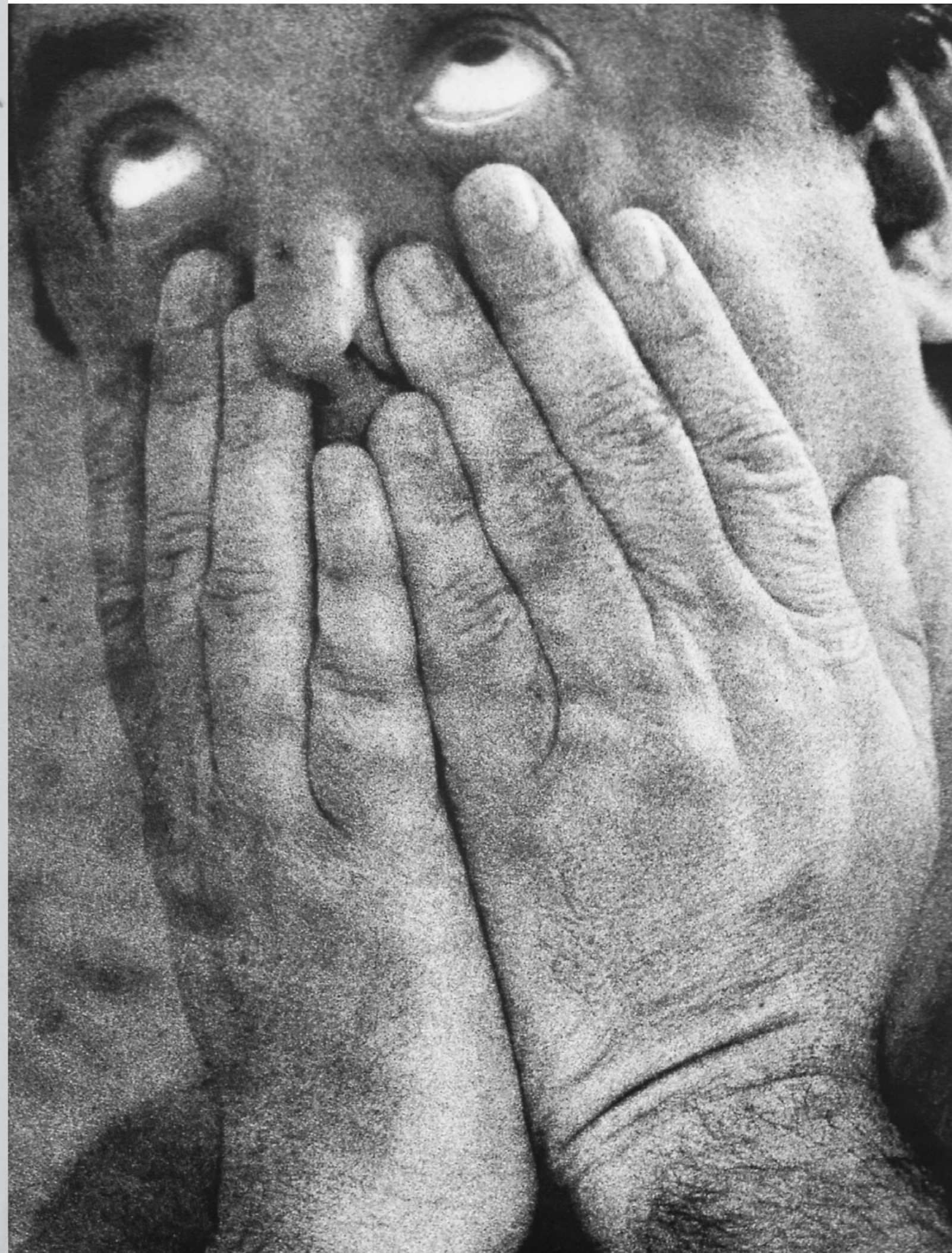
Quem está apto a praticar o difícil exercício de perceber os erros de hoje, hoje? O mundo de agora, agora – esta a situação do supremo conhecimento. Profissionalmente, jornalistas são os mais aptos a interpretar os eventos. Os especialistas em circunstâncias são fluentes em enunciar, denunciar e prever. Mas a Imprensa só é Instituição, poder público institucionalizado, em poucas sociedades, ficando, portanto, aqueles que poderiam equacionar a atualidade, manietados por interesses ou pressões.

Por sua vez, os cientistas políticos também poderiam entender a História mas com os recursos de saber que acumularam, onipotentemente, preferem conduzi-la. E a partir do momento em que a ciência política se transformou em técnica política, deixando de ser *forma de pensar* para transformar-se em *maneira de atuar*, fugiu às suas finalidades primeiras. Quando filósofos se sentam em mesas de comando, perdem sua maravilhosa capacidade de questionar e passam simplesmente a farejar, cães de fila, portanto.

Sem esta capacidade de rever em movimento, a humanidade vai sendo empurrada por fascinantes e tenebrosas miragens de progresso. A crise mundial de energia (amenizada, porém longe de uma solução) aí está como prova da incapacidade das elites dirigentes para perceberem no presente a diferença entre desenvolvimento e bem-estar futuros. A economia mundial e os seus padrões de prosperidade foram montados em torno do petróleo barato. Acontece que os combustíveis têm potenciais limitados, devendo ser ajustados a preços que irão regular seu uso. As únicas fontes de energia que podem ter preços acessíveis são as naturais (sol, água, vento, calor da terra, diferenças de temperatura, marés, etc.), inextinguíveis e ambientalmente limpidas. A região em torno do Mediterrâneo não era desértica há dois mil anos, mas ficou. O nordeste brasileiro não era agreste na época da descoberta, mas converteu-se. A mão do homem pode operar milagres e misérias, basta não saber para onde dirigir seu empenho.

Mas como convencer um estrategista, imbuído do mais puro patriotismo, de que a sua heróica estrada na selva pode ser fatal para a selva ou para a estrada? Como dizer-lhe que, apesar das novas tecnologias, o homem colonizou o interior de todos os continentes através de rios? Difícil. Todas as missões e empreitadas humanas são teoricamente boas, ninguém é intencionalmente o “bandido”, nem mesmo os tiranos.

Essa desconexão entre os movimentos do processo de viver (passado, presente, futuro) essa incapacidade de interligar com perguntas estes três tempos faz com que planejadores busquem freneticamente modelos e formatos estáticos para o provir – subprodutos dos “cenários” de Herman Kahn – numa ajusta-





Produzido coletivamente durante a performance O ERRO, A RUA, no Ateliê da Imagem, com imagens apropriadas de livros trazidos pelos participantes.

Curadoria de Rony Maltz e Walter Costa

Rio de Janeiro, 30.06.2018



hanna mello
marcelo nascimento
victor vieira
luciana coutinho
joão paulo racy
lucas gibson
paulo maltz
rachel zonenschein
rony maltz
julio cardoso
flávia costa
mônica leme
cecilia pentagna
shirlene linny
pedro kuperman
verónica pacini
vanessa martínez
ana maría pose
silvia fernandes
cristina zarur
anna kahn
bernardo cople
talita virgínia
luiz baltar
rafael adorjan
davy alexandrinsky
alessandra sposetti
leandro pimentel
anna thereza
jucelino bezerra
patricia gouvêa
daniel bicho
elisa freitas
newton bastos
igor arume
dafne capella
nayana king
carolina cattan
claudia tavares
dani dacorso
walter costa
nathalia pires
bernardo maltz
marian starosta
carolina oliveira
franklin lourenço